



## A LEITURA DA MULHER COMO PRÁTICA SOCIAL

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daniella Barbosa Butler<sup>i</sup>

Jessé Ramos Pires<sup>ii</sup>

**RESUMO** – A imagem da mulher no imaginário social é carregada de estereótipos e simbolismos, criando uma relação de poder no binarismo de delicadeza, submissão, afazeres domésticos, função docente versus brutalidade, rebeldia, espaço público. E o que fazer para desconstruir essas imagens? Buscamos nesse artigo um olhar crítico sobre a função da escola como *locus* de desconstrução da leitura da mulher, uma vez que essa causa violência simbólica, e como uma possível prática pedagógica a análise discursiva de livros e filmes que reafirmam ora desconstruem essa imagem.

**PALAVRAS-CHAVE** – Ideologia de gênero, sexualidade, literatura, análise do discurso.

### Introdução

Apesar de as mulheres terem conquistado espaço no mercado de trabalho e na sociedade, apesar de o universo corporativo, social, familiar, contar com a ascensão cada vez maior da população feminina, a jornada não tem sido fácil, há ainda muitas barreiras. Ouvimos de

**ABSTRACT** – The image of women in the social imagination is loaded with stereotypes and symbolism, creating a power relationship in the binary of delicacy, submission, domestic chores, teaching function versus brutality, rebellion, public space. And what is it possible to do about to break these images? In this article we seek a critical view at the school role as a locus of deconstruction about women's reading, since this causes symbolic violence, and as a possible pedagogical practice the discursive analysis of books and movies that reaffirm now and deconstruct this image.

**KEYWORDS** – Gender ideology, sexuality, literature, discourse analysis.

autoridades políticas que educadores progressistas querem criar meninas feministas e meninos gays e que esses educadores destroem o conceito da sexualidade biológica. Contudo não existe ideologia de gênero, mas busca-se em uma prática pedagógica, podendo ser realizado de várias maneiras, com o objetivo de criar



a identidade de gênero, respeito com a diversidade e acesso e permanência desses corpos nos bancos escolares. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo investigar como o discurso presente nos textos literários ou não literários, imbuído em nosso discurso do dia a dia, pode ser um arrimo para desconstrução do estereótipo de feminilidade.

O texto perpassa pela “Origem de Gênero”, seguindo pelas fases do feminismo e compreendendo que não existe Ideologia de Gênero, mas sim Identidade de Gênero. Já em “Estereótipos de Gênero, Desigualdades e suas Consequências”, trazemos as consequências de estereotipar o comportamento feminino e masculino. Em seguida “Escola, Classificação e Omissão”, discorremos como a escola ao invés de contribuir para essa quebra de paradigmas, fortalece essa classificação, tornando-se aliada a essa construção de pensamento equivocada. Na seção “Relação entre aprendizagem e literatura”, discorremos sobre a origem da literatura, o conceito abstrato da infância e como essa pode contribuir para o desenvolvimento global do alunado, indo além de seus conceitos morais e éticos.

#### **Origem do termo *gênero***

O termo **gênero** foi criado para compreender as relações ligadas entre o conceito – homem e mulher. O termo foi aplicado em 1970 pela teoria social a qual

propôs, além das explicações biológicas, outras maneiras de pensar as noções do sexo como compreender as questões sociais e relações de poder. Dentro do ambiente acadêmico, intelectuais em sua maioria mulheres, queriam entender as relações entre esses dois substantivos: masculino e feminino, sob várias óticas, cultural, religiosa e histórica.

É nessa onda que o feminismo se apropria do termo **gênero**. O feminismo, em termos gerais, busca a igualdade entre os sexos, na qual não há hierarquia sobre o gênero e sobre os corpos.

Desde o início dos tempos, muitas mulheres questionavam o sistema de opressão, submissão apenas no papel domiciliar, visto na Inglaterra na época vitoriana. Muito bem retratado no filme, baseado em uma história real, “O Gênio e o Louco” (2019), cujo enredo conta a história de dois homens que elaboram o dicionário *Oxford*, uma monstruosa empreitada. A personagem mulher, Eliza Merret, “vítima do Louco”, não trabalha, não vota, não lê, não opina, e, viúva, com seis filhos para criar, sozinha, desenvolve uma amizade com o assassino do marido. Entretanto, o problema é que muitas das mulheres, da época vitoriana, como Eliza Merret, não estavam em grupos, impedindo que fossem ouvidas. Assim, para compreensão das lutas feministas que se iniciam no século XIX.

Inicialmente, o movimento feminista lutava a favor do direito ao voto, vida



pública, educação, propriedades e posses. Esse momento foi conhecido como sufragista, visto que ocorreu em vários lugares do mundo, entretanto não parou nessa fase. Temos a segunda fase do feminismo que se estende de 1960 a 1980, sendo a extensão da primeira, porém ocorreu nos Estados Unidos, com a feminista Carol Hanish. O movimento buscava eliminar as desigualdades estendendo-se por problemas políticos e culturais, entre eles sexualidade, família, mercado de trabalho, direito reprodutivo, violência doméstica e abuso sexual e conjugal. A terceira onda do feminismo, que se iniciou no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, questionava as brechas deixadas pelos primeiro e segundo movimentos, tendo um caráter mais crítico dentro do próprio movimento, um olhar micropolítico, incluindo as questões de raça, as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras. Por isso compreendemos que gênero é uma construção social, na qual o comportamento dos indivíduos deve estar dentro de uma normalidade compulsória.

#### **Estereótipos de gênero, desigualdades e suas consequências**

Pensar na palavra **estereótipos**, é pensar em algo imutável, fixo. De algum modo, sempre que estereotipamos algo o colocamos de maneira petrificada, única. É nesse sentido, que o estereótipo de gênero, através da linguagem, corporificado na

cultura, e na religião que entendemos o que é ser homem e mulher na sociedade. O homem forte, viril, não revela suas emoções. A mulher sempre deve ser calma, delicada, submissa, criada para o casamento. Essas características são reforçadas desde a infância quando limitam o brincar das crianças. Meninas, brincam de boneca, casinha, e brincam apenas com meninas, elas não podem brincar na rua. Meninos brincam de carrinho, super-heróis, brincam apenas com meninos, podem brincar na rua. O que vier reverso a isso é tido como inadequado, podendo influenciar na sexualidade de ambos, segundo o senso-comum.

Isso tudo também contribui para que o homem possa ser público e a mulher permanecer no privado, sob a sombra dos homens. Entretanto, como defende Louro (2014), “há muitas maneiras de ser homem e mulher na sociedade” (p. 30-31). A mulher não usar sapato de salto, maquiagem, gostar de esportes, não ser delicada, não significa que não seja heterossexual. Assim, como o homem que não é viril, que demonstra sentimentos, não seja necessariamente homossexual. O caminho percorrido pela sexualidade não é linear, e traçado por ramificações de contextos psicossociais.

Esse estereótipo contribui, por exemplo, para que a mulher seja a única responsável pela limpeza do lar, pelo cuidado com os filhos. Não obstante, essa função é dos dois. Em países de primeiro



mundo como a Suécia, todas as crianças, na escola aprendem a limpar a casa, lavar roupas, louças, costurar e cozinhar. Trata-se de componente curricular. Não há nada biologicamente que diga que a mulher deve ser responsável pelo lar, enquanto o marido traz o sustento para o lar ou como diria Chimamanda Ngozi Adichie (2017) em seu livro **Como educar crianças feministas**.

Saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina. Cozinhar se aprende. Cozinhar – o serviço doméstico em geral – é uma habilidade que se adquire na vida, e que teoricamente homens e mulheres deveriam ter. É também uma habilidade que às vezes escapa tanto aos homens quanto às mulheres. (2017, p. 22)

Reproduzir o estereótipo de gênero contribui para a desigualdade e violência de gênero. Desigualdade é quando colocamos homens e mulheres de maneiras desiguais na sociedade, acesso e permanência a educação, salários injustos e desiguais. Mulheres ganham menos do que homens, tendo as mesmas ou mais qualificações e competências, podemos observar isso em um estudo feito pelo IBGE (2012, p. 05). Segundo o Instituto, um estudo de Pesquisa Mensal de Emprego mostra que em anos de estudo e acesso ao ensino superior a mulher se destaca. Vejamos:

Enquanto 61,2% das trabalhadoras tinham 11 anos ou mais de estudo, ou

seja, pelo menos o ensino médio completo, para os homens este percentual era de 53,2%. Destaca-se ainda que a parcela de mulheres ocupadas com curso de nível superior completo era de 19,6%, superior ao dos homens, 14,2%. (IBGE, 2012, p. 05)

Por outro lado, nos grupos de anos de estudos com menos escolaridade, a participação dos homens era superior ao das mulheres.

Entretanto, o salário da mulher ainda é inferior, se comparado ao homem. Conforme destaca a mesma pesquisa do IBGE. (2010, p. 12)

O rendimento de trabalho das mulheres, estimado em R\$ 1.097,93, continua sendo inferior ao dos homens (R\$ 1.518,31). Em 2009, comparando a média anual dos rendimentos dos homens e das mulheres, verificou-se que, em média, as mulheres ganham em torno de 72,3% do rendimento recebido pelos homens. Em 2003, esse percentual era 70,8%.

Essas duas pesquisas do IBGE contribuem para uma análise de que a mulher tem alcançado igualdade em alguns setores sociais, entretanto, alguns ainda há a desigualdade, isso é inegável diante dos dados. Podemos ver isso em CEOs – *Chief Executive Office* – traduzido em português para Chefe Executivo. No dia 08 de março



de 2018 a UOL FORBES<sup>1</sup> publicou uma matéria que analisa a quantidade de mulheres CEOs no mundo, entre todos os países analisados é de apenas 3%.

Mais de 20% dos entrevistados no México, Brasil, Índia, Turquia e Rússia superestimaram a parcela de executivas mulheres nas maiores companhias em mais de 20%. Essa média real não passa de apenas 3%.

Já a violência de gênero é caracterizada pela física e psicológica, que o indivíduo sofre com base em seu sexo ou gênero. Podemos perceber esse tipo de violência, na homofobia, transfobia e lesbofobia, além é claro do feminicídio visto diariamente em noticiários, de mulheres que são brutalmente assassinadas por seus maridos, namorados, noivos por não permitirem mais relacionamentos abusivos, violentos em que colocam essas mulheres como objeto de posse.

O estereótipo acarreta também na comparação entre homens e mulheres. A mulher sempre é comparada ao homem. “Ela dirige igual a um homem”, “Ela trabalha igual a um homem” – esse discurso coloca a mulher em comparação com o homem, contudo, os homens sempre no sentido positivo e as mulheres no sentido negativo, depreciativo, o que cria também

uma rede de poder masculina. O discurso é que o homem sempre é o mais forte, o mais qualificado, o mais capacitado. Assim como exemplifica Lyns *et al.* (2016, p. 17):

Quando alguém afirma que um garoto "corre que nem menina", está usando essa expressão de forma negativa, de modo a desqualificá-lo. Em contrapartida, a expressão "ela trabalha duro que nem homem" é usada de forma positiva e valorizada o trabalho de uma mulher: usa-se o estereótipo de que todo homem é trabalhador e, se uma mulher também o é, ela é logo valorizada por comparação a eles (p. 17).

O estereótipo nasce na linguagem, porém é reproduzida nos símbolos, na literatura universal, na mídia em geral. Esses são locais que reproduzem e corporificam esse discurso do binarismo homem/mulher; menino/menina; forte/fraco. A mídia em geral coloca a mulher como fraca, delicada, submissa e depreciativa, já o homem como forte, viril, superior. Podemos ver isso claramente nas novelas, propagandas de produtos em rede televisiva.

Como acabar com esse estereótipo? Chimamanda Ngozi Adichie nos presenteia com uma dica. Ensinar a questionar a linguagem, afinal é dela que surge a desigualdade, estereótipo de gênero. Não

<sup>1</sup> <https://forbes.uol.com.br/listas/2018/03/apenas-3-dos-cargos-de-ceo-sao-ocupados-por-mulheres-afirmaestudo/>



há uma maneira diferente ou exclusiva para isso, entretanto é necessário um olhar crítico, reflexivo e o mais ausente de ideologias. Esse papel fica a cargo de professores, coordenação e escola, afinal a escola é *locus* da reprodução do estereótipo de gênero, contudo ainda retratar assuntos como estes em sala de aula é complexo, visto uma narrativa social sobre a ideologia de gênero, essa contribui fortemente para existir uma demonização sobre este assunto.

#### **Escola, classificação e omissão**

Muitos cientistas dos mais diversos recortes – Linguística, História, Pedagogia, Antropologia, Sociologia – têm feito sérias críticas à escola, como *locus* de molde, classificação e regulação da sexualidade, mentes e comportamento, como uma maneira de adestramento das mentes, corpos.

A escola por sua vez adestra os corpos para produzir e as mentes para o saber. Saber aquilo que o sistema deseja. Assim também acontece com a questão sexual, se um/uma aluno/aluna não está de acordo com a normalidade, ele é motivo de

chacota, o levando a tentar se comportar dentro dos padrões. Assim a escola, além de moldar, classifica e omite.

A escola classifica quase que diariamente o que é de meninos e meninas. Fila de meninos, fila de meninas, brinquedos de meninos, brinquedo de meninas, atividade de meninos, atividade de meninas, esportes de meninos e esporte de meninas. A escola, como dito, é um ambiente que contribui para classificação do que cabe ao homem e à mulher. Assim como defende Louro (2014).

A escola delimita espaços. Servindo de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa institui. Informa o “lugar” dos pequenos, dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não desses modelos) O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido” instituem múltiplos sentidos, constituem sujeitos (p. 62).

<b>Meninos</b>	<b>Meninas</b>
Dinâmicos, barulhentos e agressivos	Apáticas, dóceis, tranquilas e servis
Indisciplinados e desobedientes	Disciplinadas e obedientes
Negligentes e não são aplicados	Metódicas e cuidadosas; são perseverantes
Escrevem devagar, são desarrumados e sujos.	Arrumadas, conservam-se limpinhas e asseadas



Autônomos, não dependem, com constância de afeto, aprovação e auxílio.	Dependentes do conceito da professora, pedem aprovação e ajuda com frequência.
Seguros; não choram com facilidade	Choronas e emotivas
Solidários com os outros do mesmo sexo e com aguçado senso de amizade.	Fracas de caráter e pouco solidárias com as colegas.

**Tabela 1**

Auad (2006, p 40) lista alguns estereótipos em seu livro: **Educar meninas e meninos**

Um dos fatores que contribuem para que esse estereótipo se reproduza e perpetue na sociedade é a omissão por parte da escola. A família é o primeiro contato que a criança tem com o mundo, ela por sua vez incute, por meio de discursos e imagens, essas marcas na qual a criança leva para o ambiente escolar e o reproduz, e a escola por sua vez afirma esses discursos, quando não aborda a temática, ou quando classifica, meninos/meninas; brinquedos de meninos/meninas; atividades de meninos/meninas, meninos são bons em exatas, meninas em humanas. Conforme defende:

A instituição escolar tende a invisibilizar a sexualidade em um jogo de pressupostos, inferências não apresentadas e silêncios. Pressupõe-se, por exemplo, que a sexualidade é assunto privado ou, ao menos, restrito ao lado de fora da escola. Na verdade, a sexualidade está no espaço escolar porque faz parte dos sujeitos o tempo todo. Ninguém se despe da sexualidade ou a deixa em casa como um acessório do qual pode se despojar. (MISKOLCI et al., 2014, p. 80)

Esse discurso leva a afirmação de estereótipos de gênero. Entretanto, escola como *locus* de reflexão, criticidade, deve abordar a temática para desenvolver cidadãos que aceitem a diversidade. Todavia trabalhar essa temática é melindroso, visto religião, cultura e ideologia dos pais e professores. Existe uma complexidade em abordar esses assuntos sem esbarrar com ideologias, principalmente religiosas. Contudo, professores devem reger-se pelos documentos oficiais como a LDBN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) no qual estabelece princípios norteadores.

Do Título II - Princípios e Fins da Educação Nacional. I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;" (BRASIL, 1996).

Criar maneiras de abordar tal temática é de suma importância, pois contribui para que estes indivíduos permaneçam na



escola, consigam ter um bom desempenho de aprendizagem, e para que todos aprendam a lidar com a liberdade e tolerância. Essa lei ainda estabelece que a educação é dever da família e do Estado, assim é necessário um diálogo franco para exercer tal atividade.

Em um momento em que muitas escolas ainda se apropriam do discurso e ideia rasa da ideologia de gênero e escola sem partido. Escolas tradicionais de cunho particular e religioso acreditam que trazer à tona assuntos como gênero, sexualidade e política é importante para contribuir com a pluralidade de ideias, pensamento crítico e direitos humanos. No dia 06 de maio de 2019<sup>2</sup>, saiu uma matéria na **Folha de S.Paulo** com o título: “Abordagem de política e gênero põe à prova escolas católicas tradicionais” A matéria mostra como o discurso de alguns políticos, religiosos e conservadores, alinhada com informações rasas pelo WhatsApp, tem aumentado o alarde sobre qual a real função de abordar esses temas em sala de aula. Mesmo entre meios, de não deixar claro o termo gênero, escolas têm se adequadado às novas demandas culturais, entretanto não deixando de lado seu cunho e função religiosa.

Essa matéria mostra que mesmo em meio à nebulosidade do pensamento

crítico, é necessário e urgente trazer esses assuntos, pois além de contribuírem com/ para o respeito a diversidade, evita que corpos com marcas diferentes sofram e abandonem os bancos escolares. Traz à tona assuntos como violência doméstica, psicológica, Lei Maria da Penha contribuindo para além da doutrinação de que uma parcela da sociedade reproduz.

Mesmo em momentos nebulosos sobre as ações do governo federal referentes à educação, escolas que pensam de forma humanista como essa citada, nos trazem uma ponta de esperança, de que ainda temos uma educação crítica, reflexiva e humanizadora.

Essa ação contribui de forma significativa para a compreensão sobre violência. Tamires Alves Monteiro, Mestre e Doutoranda pelo IPUSP – Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, em uma entrevista ao Geledés<sup>3</sup> – Instituto da mulher negra, aponta que crianças e jovens ainda têm uma visão concreta e simplificada da violência, não sendo capazes de compreender os diversos tipos de violência, entre eles o *bullying*. Isso nos mostra o quanto é importante práticas pedagógicas de prevenção ao *bullying*, violência e respeito às diferenças.

<sup>2</sup>

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/abordagem-de-politica-e-genero-poe-a-prova-escolascaticas-tradicionais.shtml>

<sup>3</sup> <https://www.geledes.org.br/criancas-e-adolescentes-tem-dificuldade-em-perceber-violencia-diz-estudo/>



### **Relação entre aprendizagem e literatura**

Literatura e infância, esses dois substantivos femininos são sincrônicos. A Literatura foi criada pela burguesia para controle dos infantes, formando assim o conceito de infância, uma vez que antes, em meio a Idade Moderna, crianças e adultos dividiam o mesmo espaço, não tendo nada que os diferenciasse (BUTLER; PIRES, 2017). Contudo na transição do feudalismo para o capitalismo, na busca de uma nova constituição de família unicelular, criou-se esse conceito “infância” o colocando como petrificado. Entretanto, os autores acima citados, defendem que o conceito de infância é algo abstrato, enfatizando que o desenvolvimento não é apenas biológico, mas também psicossocial. Logo, a infância tem interferência política, social e cultural.

Mesmo com a possibilidade de o conceito de infância ser abstrato, a literatura por sua vez, mesmo com seus vários recortes, sendo compreendida pela Arte, Psicanálise, Linguística, Educação, História, vem sendo usado de várias maneiras na prática educativa. Porém, a literatura ainda tem a intenção de incutir conceitos morais e éticos, isso pode ser compreendido pelos estudos da Análise do Discurso que compreendem a ideologia nos discursos orais ou escritos. Isso também pode ser visto nos catálogos de literatura infantil, assuntos relacionados sobre a morte, amizade, respeito aos pais, *bullying* e tantos outros são bem diversificados.

Como também o que Foucault defende em seu livro **A ordem do Discurso**. Incorporado no discurso há poder e desejo sobre três assuntos: Sexualidade, política e o discurso do louco. Aqui nos ateremos apenas nos dois primeiros. Sexualidade, é algo que deve ficar no particular, familiar (de acordo com os discursos mais conservadores) e o político é o discurso de poder sobre esses mesmos corpos da sexualidade e comportamentos desviantes, aqueles que fogem da normalidade imposta socialmente. Temos como exemplo o discurso feminista que rompe com a submissão, matrimônio, e sexualidade, tendo esse como discurso reverso dentro de uma relação de poder.

Ainda compreendendo a literatura, Butler e Pires (2017), exploram sob a perspectiva Bakhtiniana “que o sujeito não é passivo às relações sociais, como também não age de maneira absolutamente individual”, é sob essa perspectiva que para que as relações sejam democráticas, respeitadas e cidadãs, é necessário abordar assuntos como homofobia, feminicídio, violência doméstica, entre eles sob o que é ser homem e mulher. A partir dessa concepção que Butler e Pires (2017, p. 60) defendem a importância dos vários enunciados, pluralidade de textos, letramento literário para que o indivíduo se depare com os vários enunciados, e assuntos, através da literatura como uma ferramenta de prática pedagógica, para



abordar tais assuntos, desenvolvendo a alteridade.

O leitor vê nesses enunciados possíveis respostas e cria a sua a partir deles. O aluno traz o conhecimento enciclopédico, que constituiu por meio de suas leituras e vivências, a partir de outros, reconhece em sua vida tais episódios e se posiciona em relação a eles (BUTLER; PIRES, 2017, p. 60).

Contudo é necessário não apenas a inserção da obra, mas um olhar analítico, reflexivo e avaliativo, pois um livro não se resume em um único estilo. Para isso é necessário que o professor saiba o que o texto polissêmico pode causar na criança. Segundo Faria (2015, p.12).

Já o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações adversas que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informações sobre diferentes temas – históricos, sociais, existenciais, e éticos, por exemplo -, eles oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias e etc.

O professor inicialmente pode deixar o aluno ler o livro de maneira livre, ou através da contação de histórias esse suscitará as emoções, identificação com os personagens. Em um segundo momento o educador pode buscar elementos para

compreender a leitura aprofundada e nesse sentido pode usar de alguns elementos da Análise do Discurso, como a intertextualidade contexto de produção e de uso, uma vez que são mais simples de compreender. Sempre levando em consideração a faixa etária do alunado. E por último o incentivo à leitura, ou seja, a busca pelo conhecimento, como consequência do incentivo à leitura.

É nessa perspectiva que a literatura e outros textos, com sequências textuais diferentes atuam, desenvolve habilidades socioemocionais através dos vários discursos, atua no inconsciente ruminado por problemas psicológicos e outros, é a própria representação na literatura daquilo que sente, é, e deseja, mas por repressões sociais, familiares, não os expõe.

Embora a prática do ensino da Literatura seja assunto sobre o qual vários teóricos venham discutindo, na perspectiva do ensino-aprendizagem a ideia é sempre propor livros que despertem o interesse dos alunos pela leitura, e infelizmente essa é sempre a reclamação de todos os professores de literatura, ainda não estamos num estado ideal, já que até mesmo pessoas de nível superior leem pouco ou quase nada.

Então o que é proposto no seu sentido mais amplo é fazer uso da literatura para todas as faixas etárias para abordar temas tão complexos. Assim, esse uso desenvolverá inúmeras habilidades.



### Dialogismo e intertextualidade nos diferentes textos sobre mulher

Bakhtin é um dos autores que mais contribuíram para os estudos acerca do diálogo e como tal diálogo pode ocupar uma posição vital e nuclear na vida humana. Para ele o objeto de interesse é o enunciado, que é a unidade de comunicação. Por mais que imaginemos a língua como mimética, ela está ligada a uma situação de comunicação, ela está ligada a seus interlocutores, a sujeitos que multiplicam esses enunciados. Temos a sensação de que o diálogo aparece apenas na esfera de mediação de conflitos, mas aparece também numa instância na qual os embates e diálogos são acolhidos, multiplicados e, muitas vezes, ao serem passados adiantes, não pensados.

Compreendemos a palavra **diálogo** num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2012, p. 117). No mundo real e no universo ficcional somos bombardeados por gêneros textuais multimodais ou não que trazem uma imagem da mulher e muitas vezes uma imagem depreciativa. Porém sem um olhar muito atento, não percebemos essa desvalorização. Textos do universo real circulam na sociedade.

Em 2014 e 2015, a presidente Dilma foi duramente criticada porque estava fora do peso. Nesta imagem circulada durante seu último mandato, há um silêncio sobre a estética dos presidentes. Este silêncio é revelador. Namorar ou paquerar na era digital exige uma etiqueta própria, que envolve muitas facilidades, mas também algumas ciladas. Os homens solteiros ou não podem buscar na internet pretendentes e conversar com várias mulheres ao mesmo tempo. Caso a mulher tenha essa mesma postura é muitas vezes chamada de mulher fácil ou leviana. A mulher que se casa com homem mais novo, é vista como fogosa. O homem que se casa com mulher mais nova é cuidador, é protetor. Os adjetivos não são sinônimos. O adjetivo atribuído à mulher é depreciativo. Recentemente, ouvimos nos noticiários o feminicídio que sofreu a menina de 9 anos, Raíssa Eloá Caparelli Dadona<sup>4</sup>, na zona norte de São Paulo. O crime foi cometido por um garoto de 12 anos. Foram ouvidas ambas as famílias, em vários depoimentos, na delegacia, no guarda civil e na promotoria pública. Entretanto, sempre acaba se ouvindo mais o pronunciamento da mãe. A figura do pai parece não existir. Notamos que há uma permissividade na relação pai e filhos, como se para o homem abandonar o filho fosse algo normal.

<sup>4</sup><https://veja.abril.com.br/brasil/caso-raissa-laudo-diz-que-menina-de-9-anos-foi-estuprada-antes-de-morrer/>



A literatura, além de trazer fruição, pode ser uma ferramenta eficaz no processo ensino-aprendizagem. A literatura é muito mais do que um componente curricular, é considerada um bem cultural cuja função contribui para o desenvolvimento de várias habilidades, como a educação estética, educação linguística, educação do exercício da imaginação, e a possibilidade de acesso aos saberes e sobretudo ao comportamento.

**Iracema** de José de Alencar traz uma personagem feminina em seu cerne que oscila ao longo da obra. Ora é brava, guerreira, heroína, rápida, forte, inteligente que ficou eternamente conhecida na literatura brasileira como a “virgem dos lábios de mel”. A mulher perfeita, idealizada, pura. Iracema luta contra todos e rompe com seus valores familiares para ficar com seu grande amor. Ela descumpra as leis do seu povo, não tem medo de ninguém, enfrentando seu deus e defendendo seu amado, mostrando assim, uma atitude de mulher guerreira e valente. Iracema inovou o perfil feminino daquela época, pois a sociedade antigamente, muito mais do que hoje, era preconceituosa, as mulheres teriam que ser submissas ao marido e/ou a sua família, e Iracema rompe, com esse tradicionalismo, tornando-se independente para fazer sua própria escolha. Entretanto, por outro lado, ao longo da obra também vemos, ao lado do homem branco, uma mulher em sofrimento, traída, submissa e impotente.

“Chapeuzinho esfarrapado” é um conto infantil feminista. Segundo Phelps, esse conto foi registrado em meados do século XIX. Chapeuzinho esfarrapado conta a história de uma rainha que por algum motivo não podia realizar o sonho de ser mãe, fazendo com que isso a incomodasse. Entretanto, um dia é apresentada para uma possível feiticeira, que pede para que a rainha faça um feitiço, após a realização desse, a rainha é concebida com duas filhas, uma linda, delicada, calma e outra meio "estranha". A estranha ganha o apelido de chapeuzinho esfarrapado, por ser forte, barulhenta e abrutalhada. Entre tantas diferenças, elas eram muito unidas.

Uma noite o castelo é atacado por *trolls* e chapeuzinho foi a única que teve a façanha de destruí-los em toda história do reino, com sua colher de madeira. Porém a curiosa da sua linda irmã é enfeitiçada por um *troll*, na qual a sua cabeça é substituída por uma de um bezerro. Quando chapeuzinho termina a luta com os *trolls* e vê sua irmã com cabeça de bezerro, briga com as damas de companhia, e pede ao seu pai um navio para ir até a terra dos *trolls* e desfazer o feitiço.

Contudo, seu pai queria que ela fosse acompanhada de marinheiros e um capitão. Mas, chapeuzinho se nega e deseja ir acompanhada apenas de sua irmã. Ao chegar na terra dos *trolls*, chapeuzinho trava uma luta contra eles em busca da cabeça de sua irmã, os vencendo. Ao finalizar a luta, devolve a cabeça a sua irmã e a convida para



viajar o mundo, sua irmã aceita o convite e assim partem para a viagem. Nessa jornada chapeuzinho chega a uma cidade e é surpreendida pelo convite do rei para ir até o castelo, entretanto se nega, pedindo que eles venham até ela e sua irmã. Ao chegar no navio, o filho do rei se apaixona pela beleza da irmã de chapeuzinho e a pede em casamento, entretanto ela se nega. Justificando que só se casará quando sua irmã também o fizer. O príncipe não se dá por vencido, realiza um banquete no castelo e pede que seu irmão acompanhe chapeuzinho esfarrapado. E assim, seu irmão fez.

Durante o caminho seu irmão está conversando com a chapeuzinho sobre seu bode, suas vestes e por ser toda "abrutalhada". No caminho o bode de chapeuzinho se transforma em um belo cavalo, sua capa esfarrapada em uma bela saia verde, sua colher de madeira mágica, se transforma em uma varinha de madeira. Assim, chapeuzinho mostra ao irmão do príncipe que pode ser o que quiser, quando quiser. Chapeuzinho esfarrapado ou princesa. Ela tem a escolha.

Essas representações de estereótipos são vistas em filmes Hollywoodianos, em outras literaturas e em vários enunciados. Exemplo disso é a função docente, algo que representa a imagem feminina de delicadeza, afeto, vigilância, cuidado – características tidas como tradicionalmente femininas. Por exemplo: O filme: **Matilda** (1996) – é sobre uma jovem menina

chamada Matilda Wormwood, que desenvolve habilidades psicocinéticas e as usa para lidar com sua arrogante família e Agatha Trunchbull, a diretora opressiva da Escola Primária de Crunchem Hall. Vemos todo o comportamento da professora Jenny Honey (Embeth Davidtz) – delicada, submissa, cuidadosa, solteira, meiga. Conduzindo que a função docente é quase um celibato, professoras devem ser solteiras. Entretanto visto que sempre foi oprimida pela irmã de seu pai Agatha Trunchbull (que também possui vários estereótipos) decide não aceitar mais as opressões de sua tia. O mesmo vemos em Buttler (2009), ao falar da imagem do docente, que por muitos anos, foi (e ainda é) uma profissão exercida pelo universo feminino, sabemos que há uma feminização da profissão na educação básica. Isso se deve muitas vezes, que à mulher, desde a época colonial, cabia atividades como bordar, costurar, cuidar da família. Logo, a grande massa de mulheres não precisava estudar. As mulheres que tinham acesso à educação acabavam se enveredando pelo Magistério, cuja imagem sempre foi de sacerdócio e vocação. Por outro lado como afirma Louro (2014) a escola lida com um binarismo, a função docente é quase que exclusivamente da mulher, já a ciência é algo masculino, do homem, ou seja a escola é um local marcadamente masculino, pois a ciência se coloca a cima da docência, e ela que a rege, isto é visto claramente pelos homens que contribuíram com a ciência da



educação, entre eles: Comenius, que escreveu a Carta Magna que buscava “ensinar tudo a todos”; Hebart um dos considerados percussores da psicologia experimental, buscava uma pedagogia que apresentasse uma verdadeira ciência da educação; Dewey sua obra abrangeu psicologia, política, filosofia, arte e educação, sua pedagogia baseia-se nas noções de experiência e atividade, defendendo que só se pode aprender aquilo que corresponde a um verdadeiro e espontâneo, que liga o indivíduo ao objeto de conhecimento; Decroly buscou compreender o estímulo do desenvolvimento infantil com base em estudos psicológicos e sociológicos, defendendo que o currículo escolar deve abordar necessidades básicas do indivíduo; Lourenço filho foi um dos introdutores das propostas do movimento da Escola Nova no Brasil, seus estudos se debruçaram sobre a psicologia aplicada a educação com testes de classificação de alunos da séries primárias; Freinet defensor da **escola moderna** buscando uma educação popular, criticando o autoritarismo da educação tradicional; Paulo Freire atuou com educação popular e alfabetização de adultos sempre buscando a questão da solidariedade e crítico da educação **bancária** – aquela em que o aluno é apenas depósito de informações, buscando uma educação libertadora, fazendo sérias críticas ao sistema da época, que são pertinentes até hoje, Snyders professor universitário

francês crítico do sistema da educação burguesa, influenciado pelo ideias de Gramsci e entre todos, Maria Montessori, médica de formação, sempre dedicou-se ao trabalho a crianças com dificuldades cognitivas, buscando desenvolver as especificidades da criança, defendendo que os imobilizadores deveriam de aquedar a criança, para que ela possa interagir com eles.

A intertextualidade se torna importante para compreendermos os recortes de discursos, como eles se constituem, não tendo uma linearidade. No conto “Chapeuzinho esfarrapado”, originado em meados do século XIX, temos algumas passagens que remetem a outros contos clássicos, com outras passagens ao discurso feminista de igualdade e escolha. Pairando sobre a ideia de a literatura ser uma ferramenta de transformação social, ela é uma arte escrita de função interdisciplinar e transdisciplinar. A literatura pode ser usada para a alfabetização e letramento, mas também pode ser usada nas aulas de História, Geografia, para compreender o espaço geográfico e suas modificações históricas, por exemplo.

Os discursos orais ou escritos são baseados em outros discursos. É nesse sentido que o discurso é anterior ao indivíduo, é histórico em sua materialidade. Podemos compreender o discurso como um mosaico que inscreve vários discursos. Tomemos como princípio o Livro **Introdução ao pensamento de Bakhtin** – de José Luiz Fiorin. O autor retrata que a



intertextualidade não é citada na obra de Bakhtin, no máximo o que esse autor expõe é que “há relações entre os textos”. Entretanto, para Bakhtin, “o discurso literário não é um ponto, um sentido fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras, um cruzamento de citações” (FIORIN, 2016, p. 57).

Para Bakhtin a intertextualidade é o dialogismo entre os textos, como eles dialogam. Já para Júlia Kristeva, Semantista, é a intertextualidade. Bakhtin defende o texto como enunciado uma vez que, o enunciado é uma posição assumida pelo enunciador e o texto é um todo, é a manifestação do enunciado. Entre termos que se distinguem e se acordam ou não, a intenção é analisar entre meios como os textos se dialogam, se repetem, pois para (BRAIT, 2006) essa confusão se deu durante a tradução da obra de Bakhtin.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, percebe-se que a leitura desses textos dialoga com o pensamento dos sujeitos. O professor deve e pode fazer alguma coisa dentro da sua realidade de sala de aula para amenizar a imagem estereotipada da mulher. O desenvolvimento de leitores críticos deve começar na alfabetização, ainda na leitura e na contação de história como a do *Chapeuzinho esfarrapado*, perpassando pelo aluno do Ensino Médio, com clássicos de

José de Alencar, por exemplo. Como professores devemos oportunizar situações em que o aluno relacione os textos trabalhados sobre essa temática e com o conhecimento de mundo.

O trabalho com a leitura ainda está centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita, muitas vezes sem reflexão, sem diálogo com o texto. Discurso sem prática, é só discurso. Pela palavra podemos mudar, mas essa mudança precisa vir junto com ação. Os exemplos trazidos aqui hoje, dentro da perspectiva Bakhtiniana, nos mostram que os enunciados não são isolados, eles fazem parte da atividade humana e essa por sua vez mantém uma relação inviolável, inseparável da linguagem.





### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADICHIE, Chimamandangozi. **Um manifesto para educar crianças feministas** (Tradução Denise Bottmann). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AUGUSTINI, Carmem Lúcia Hernandez.GRIGOLETTO, Evandra. **Escrita, Alteridade e Autoria em Análise do Discurso**. Rio de Janeiro, Matraca, v.15, n.22, p.145-p.156, jan./jun.

2008 Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/27912> > Acesso

em:16/04/2019

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BETTLEHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada** (Tradução Arlene Caetano). São Paulo: Paz e Terra, 2013.

BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: outros Conceitos Chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**.13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BUTLLER, Daniella Barbosa. **Professor: uma imagem esfacelada?** Embu-Guaçu: Lumen et Virtus, 2014.

BUTLLER, Daniella Barbosa. PIRES, Ramos Jessé. **Leitura, Letramento e infância: O dialogo responsivo**. Revista Lumen et Virtus. V IX nº 21 04/2018.

ETHEL, Johnston Phelps. **Chapeuzinho esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial**. 1º Ed. Seguinte, 2016

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. 2ºEd. São Paulo: Contexto 2006

FIORIN, José Luiz. **Elementos da Análise do Discurso**. 13º Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24º Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade** (Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque e J.A Guilhaon Albuquerque). 2º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015



LOURO, Lopes Guacira. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista.** 16° ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Teoria queer - uma política pós identitária para a educação.** Estudos Feministas, v 9, n 2, 2/2001.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** 5° Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças** 2.ed. Rev e Ampl. 3° reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso. Princípios e procedimentos.** 12° Ed. Campinas: Pontes Editores, 2015

\_\_\_\_\_. **As formas de silêncio no movimento dos sentidos.** 6° Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Pesquisa Mensal de Emprego. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística 08 de março de 2010.

Disponível

em:

[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp.pdf](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf). Acesso em 20/02/2019

PIRES, Lucia Vera. **Dialogismo e Alteridade ou a Teoria da Enunciação de Bakhtin.**

Disponível

em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1144068/mod\\_resource/content/1/Dialogismo%20e%20Bakhtin.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1144068/mod_resource/content/1/Dialogismo%20e%20Bakhtin.pdf)> acesso em 07/03/2019.

Revista Emilia. Histórias sem armários. disponível em :<  
<http://revistaemilia.com.br/historiassem-armarios/>> Acesso em:29/02/2019

SPARGO, Tasmim. **Foucault e a teoria queer.** Seguido de ágape êxtase: Orientações pósseculares. Tadução: Heci Regina Candiani;1° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

**LUMEN ET VIRTUS**  
**REVISTA INTERDISCIPLINAR**  
**DE CULTURA E IMAGEM**

**VOL. X N° 26 DEZEMBRO/2019**  
**ISSN 2177-2789**

---



---

<sup>i</sup> Doutora pela na PUC-SP em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia (Centro Universitário SENAC) e Tecnologia do Estado de São Paulo – FATEC.

<sup>ii</sup> Pedagogo (Centro Universitário SENAC) pós-graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica (Unisa)